

Zeroaseis: Professor, há tempos o senhor vem indicando a riqueza que implica para o pensamento pedagógico o permanente diálogo entre a Pedagogia e as diversas ciências (antropologia, sociologia, história, psicologia sociocultural, etc). O que o senhor tem mais a nos dizer sobre esse diálogo necessário? Tem observado também a relação dessas outras ciências entre si?

Professor Arroyo: O livro “Estudos da Infância: educação e práticas sociais” (2009) pretendeu abrir espaço para esse diálogo, e de fato mostra que há um diálogo entre as diferentes ciências. A infância não é objeto apenas da Pedagogia. A infância é objeto de estudo da sociologia, há muitos estudos sociológicos da infância. A infância tem sido um estudo bem focado por parte da história, desde Philippe Ariès, nos anos 60 e pela quantidade de história da infância, história da infância aqui no Brasil. A antropologia está também entrando no estudo da infância, apesar de que ela estuda mais a comunidade. A questão que eu coloco no início do texto “A infância Interroga a Pedagogia” (2009) é: em que medida esses estudos da infância, das outras ciências, têm entrado no campo da Pedagogia? Acho que o campo da Pedagogia tem ficado um pouco distante de tudo isso e uma das funções nossa é trazer esses estudos para enriquecer e até para modificar os olhares que a Pedagogia tem da infância. O que eu tenho notado é que muitos estudos da infância de outros campos: da sociologia, história, antropologia, a psicologia e, sobretudo, da psiquiatria que também está entrando nesse debate, estão dando muita ênfase no protagonismo da infância, uma infância que se afirma e se afirma senhora de si, se afirma na contramão do que se tinha dela como infância não falante. Essa infância fala, tem voz, ela tem autoria, ela é sujeito de si mesma, sujeito de sua construção. Há uma ênfase na superação do que se tem chamado de “*adultocentrismo*” e de como foi vista a infância até bem recentemente. Isto é verdade, isto é bom! Teve um avanço que a Pedagogia vai ter que aprender! Mas, há uma coisa que a Pedagogia tem para contribuir com as outras ciências: a Pedagogia, mais do que as outras ciências, está em contato direto com a infância. Ela não pesquisa a infância apenas, ela vive com a infância. A própria palavra Pedagogia significa que há uma inseparabilidade entre ela e infância. A Pedagogia, assim como a Pediatria, são ciências que não olham a infância distante, mas sim elas convivem com a infância.

Zeroaseis: Mas, e a Pedagogia, desde a sua constituição, não conviveu sempre diretamente como a infância?

Professor Arroyo: Sim. E há nisso uma questão muito séria. A Pedagogia realmente sempre conviveu com a infância, mas a pergunta é: com que infância? Essa é a questão: que infância? Inclusive, que infância é estudada pela sociologia? Que infância é estudada pela história? A história de Philippe Ariès sobre a infância? A Pedagogia, sobretudo a pedagogia escolar, aquela da escola pública, está em contato com a infância mais segregada, mais precarizada, não está só em contato com a infância burguesa, de classe média, a infância bem cuidada. Está em contato com a infância mais oprimida, mais precarizada e que vive um ser criança com outro protagonismo. Não é tanto protagonismo positivo, mas com um protagonismo que revela como a infância ainda não se libertou, como a infância ainda continua sendo determinada, profundamente determinada em seu viver, ou seu mau viver pelos adultos, pelas políticas dos adultos. Há uma ideia presente de que o “*adultocentrismo*” está superado em relação à infância, mas em relação a qual infância? Uma criança que está na rua, uma criança que escuta “*se você quer comer, vai para rua procurar porque aqui não tem comida*”, essa criança vai percebendo que ela não está tão distante do “*adultocentrismo*”. Ao contrário, ela experimenta que esse “*adultocentrismo*” pode ser da mãe que diz: “*vai comer na rua porque aqui não tem comida*”, mas ela também percebe que sua mãe não lhe dá comida porque não tem emprego, porque seu pai não tem emprego porque moram na favela.

Eu acho que nos faltam elementos para discutir essa infância, muitas vezes. E aqui a Pedagogia pode contribuir muito, ao nos dizer de outras infâncias que vivem como os pedagogos, sobretudo nas escolas públicas que estão recebendo cada vez mais aquelas crianças que raramente conseguiam chegar nas escolas até então: crianças essas que são as filhas e filhos dos desempregados, que são os filhos e filhas de 20 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza, que são 40 milhões de trabalhadores dos empregos informais ou são ainda os 60 ou 80 milhões que moram nas favelas, nas periferias.

Zeroaseis: Poderíamos dizer, então, que é essa a infância que pode contestar uma visão um tanto triunfalista que se tem da infância na atualidade?

Professor Arroyo: Exatamente. É essa infância que contesta uma visão triunfalista de infância que chega de fora, de outros contextos. Essa infância que nos contamina aqui dentro das nossas escolas. Nem sempre os estudos da infância que vem de fora, de outros contextos, os que se referem mais a infância que vive em condições de dignidade básica de direitos humanos (direito à comida, à moradia, à proteção), diz respeito à infância com que convivem os educadores e que é objeto de discussão para os cursos de formação de educadores da infância. Em síntese, e respondendo a sua pergunta, temos que aproveitar os estudos de infância que vem de outras áreas e as riquezas que eles nos trazem sim, mas a Pedagogia, pela sua convivência dura, próxima, bem próxima com essa infância mais precarizada, ela tem a obrigação de dizer para as outras ciências sobre o cuidado que elas têm que ter com essa visão um tanto utópica. Eu acho que ainda estamos em capítulos não superados. Estamos, pior ainda, em capítulos cada dia mais negativos da forma de ver a infância, isso não só na América Latina, na África ainda mais, na Ásia também. Muitos desses estudos sobre a infância são dos europeus: a infância imigrante da Europa. Imigrantes africanos, imigrantes do Norte da África, imigrantes latino-americanos, imigrantes também orientais, essa infância não é a infância triunfalista, já libertada, dona da história de seu projeto. Essas questões são muito sérias!

Zeroaseis: No Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN) temos discutido sobre isso. O senhor concorda que nas discussões sobre a infância já virou um “chavão” essa ideia da infância como construção social, a criança como ator? Sabemos que isso tem origem na Europa, a partir da ideia de crianças da classe média. E as crianças negras, as indígenas aqui no Brasil, onde ficam neste debate?

Professor Arroyo: Podemos falar sobre isso, inclusive, a partir das próprias infâncias populares da Europa. A partir da reação, por exemplo, que houve na França sobre aqueles adolescentes, netos da guerra do norte da África, que são franceses e o que eles falavam sobre isso: *“Nós nunca fomos aceitos como franceses, nós nunca fomos reconhecidos, temos uma vida muito precária”*. Na verdade, são filhos de imigrantes, e os filhos de imigrantes na Europa vivem uma vida muito parecida com os daqui. Então, são questões muito sérias que parece um certo triunfalismo da infância libertada. Isso tem que vir de nossos estudos, ou seja, precisamos aproveitar a riqueza que esses estudos nos trazem, mas olharmos para a realidade vivida pelas nossas infâncias (indígena, negra, pobre, órfã, etc).

Zeroaseis: Uma discussão que tem sido “cara” aqui no NUPEIN, diz respeito a um campo de estudo ainda em construção: a Pedagogia da infância, o qual tem intenção de perceber as especificidades das infâncias. O senhor acha que a Pedagogia da Infância pode estar fragmentando ainda mais os estudos da Pedagogia?

Professor Arroyo: Acho que a Pedagogia da Infância está trazendo a Pedagogia para o seu lugar, que é a infância. É como dizer: você acha que na área da pediatria os pediatras estudam mais devidamente as formas de viver a infância do que o que vão trabalhar? Isto desvirtua a pediatria? Não, ao contrário! Seria um grande avanço para o futuro pediatra para que ele entenda mais a infância com que vai trabalhar. Que as infâncias não são a mesma coisa no seu consultório ou no posto médico da favela. Ele tem que saber que infâncias não são corpos iguais, essa me parece uma questão muito interessante. Já a Pedagogia da Infância ao trazer a questão da infância para os cursos de Pedagogia focaliza, obriga a Pedagogia a voltar o diálogo as suas origens, com sua função. Essa é a visão que temos hoje ao falarmos da pequena infância. Mas, sabemos que a infância continua com 6, com 7, com 8, com 9, com 10 anos. A infância é mais longa. O problema que estamos tendo agora é muito sério e isso eu coloco no primeiro capítulo do novo livro (Currículo, território em disputa – Vozes, 2011): Há lugar no sistema educacional para infância?

Zeroaseis: E as Redes de Ensino têm assegurado um lugar para a infância nos seus sistemas de ensino, nos seus currículos?

Professor Arroyo: Eu trabalho bastante sobre isso no primeiro texto deste livro (Currículo, território em disputa – Vozes, 2011), evidenciando que há uma tensão entre sistema educacional e infância. Por quê? Porque nós temos uma tradição de que a infância não é tempo de direitos, nem sequer direito à educação. O direito à educação entre nós, ele é limitado: primeiro dos 7 aos 10 anos; depois, a partir de 1971, com a LDB (5692/1971) estende o final do Ensino Fundamental dos 10 anos para os 14 anos. Mais recentemente, se ampliou dos 6 anos até os 14 anos. E agora, há bem pouco tempo, a obrigatoriedade se dá a partir dos 4 anos e se encerra aos 17 anos. Eu tenho o orgulho do tempo em que fui secretário adjunto de educação em Belo Horizonte, em que nós já colocamos todas as crianças de 6 anos na Educação Básica, e não falo no Ensino Fundamental. Falamos no respeito que tivemos em relação à infância. As crianças de 6 anos, juntamente com as de 7, com as de 8 anos estavam envolvidas no ciclo da infância. As crianças de 6 anos não entraram simplesmente para aprender mais cedo a ler. Eu acho que há uma perversidade do próprio MEC quando não diz que as crianças de 6 anos, igualmente como as de 7 ou 8 anos estão no ciclo da infância. Diz que essas crianças de 6 anos estão no primeiro ano do ensino fundamental. Isso é, estão numa série, escolarizados e, na medida em que são precocemente escolarizadas, são precocemente negados em sua identidade infantil. É muito difícil fazer a Pedagogia entender que o aluno continua sendo uma criança mesmo depois que entra no Ensino Fundamental. É difícil fazê-la ver o sujeito criança, inclusive ver a infância no Ensino Fundamental. E o professor que está dando aula aos alunos de 6 anos, no 1º ou 2º ano, não pergunta se está trabalhando com crianças. Ele acaba não se identificando como alguém que trabalha com criança, mas sim como professor do ensino fundamental. Essa incapacidade, esse bloqueio para ver a infância que está na sua frente, que já está no Ensino fundamental é uma das questões mais sérias na escola. Precisamos, igualmente, ficarmos atentos ao ingresso das crianças de 4 e 5 anos no Pré-escolar, para não descaracterizar a infância ainda mais cedo. Não podemos destruir a infância na escola, isso é muito sério! Nossa luta deve se constituir no sentido de defender um lugar para a infância nos sistemas educacionais. Precisamos defender um currículo para a infância.

Zeroaseis: E há um lugar para a infância na Educação Infantil? No seu ponto de vista, a Educação Infantil tem respeitado o tempo da infância?

Professor Arroyo: As crianças de 4 e 5 anos já chamamos de pré-escolares; as de 6, 7 e 8 anos, são do 1º ano, 2º ano ou 3º ano do Ensino Fundamental. As de 3, 2 e 1 anos, para os setores populares,

temos as creches, são os alunos da creche. A questão que se coloca é: como pensar em uma política de educação para a infância, uma política de formação de educadores para atuação na educação da infância, se a infância não é reconhecida no sistema educacional? Para mim essa é a grande questão: enquanto não reconhecermos a infância como um tempo de direitos, não conseguiremos avançar nas discussões sobre a educação da infância. E o MEC não está colaborando com isso e as diretrizes curriculares também não! As diretrizes curriculares saíram para os alunos de 6, 7 e 8 anos, isso é, para os primeiros anos do ensino fundamental. Não se fala em diretrizes curriculares para primeira, segunda infância ou para a última infância. Então, vimos que as questões da infância ainda são urgentes na elaboração de políticas para ela, inclusive na própria situação de reconhecê-la no sistema educacional. Essa é uma das brigas que me parece mais urgente: que o sistema educacional se pense como um sistema de educação da infância. Há outra questão que temos que trabalhar bastante e que esse livro (Currículo, território em disputa – Vozes, 2011) pode contribuir, ao problematizar uma visão muito romântica que se tem da infância, uma visão ainda muito lúdica até para aqueles que trabalham com a infância.

Zeroaseis: O senhor considera, então, que estamos ainda muito vinculados a ideia de um tempo de infância diretamente ligada a um tempo de ludicidade?

Professor Arroyo: Precisamos avançar nessa discussão, pois ao reforçar demais esse tempo da infância como um tempo de ludicidade, torna-se difícil falar do tempo de infância como também um tempo de trabalho, considerando que nesse instante temos milhões de crianças que trabalham. O tempo da infância é também tempo de choro; é o tempo que mais se chora e se chora porque mais se padece, isso falta nos estudos da infância. Falta estudar o sofrimento da infância, falta estudar o trabalho da infância, a exploração sexual da infância, a fome na infância, a desproteção na infância, o não dormir na infância. Falta tudo isso! Os tempos diferentes da infância. Isso porque acreditamos estar num momento épico, triunfalista de libertação da infância: mas, volto a perguntar que infância é essa? Onde está a libertação da infância? São milhões de crianças, mais da metade das crianças vivem assim. Este é um ponto que está me parecendo muito sério: como trazer para os estudos da infância essa realidade cruel vivenciada por milhões de crianças? Uma forma de trazer isto é dar mais centralidade aos estudos do corpo da infância. E, sobre isso, há um capítulo de minha autoria, intitulado “Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional”, em um livro que será publicado em breve. Esse texto trata dos corpos e vidas infantis tão precarizados e são a grande indagação para a Pedagogia, para Pedagogia da Infância e aos estudos da infância. Muitos dos trabalhos que vemos aí sobre infância são um pouco isso a infância lúdica, a infância em movimento, a infância criando. Enfim, tudo isso é verdade. Mas, também tem que ser trabalhado mais sobre a infância que chora, que não dorme, que é faminta, a infância que chega maltratada na escola, infância violentada sexualmente, infância violentada fisicamente, inclusive na escola. Sobre a quantidade de criança de 6, 7 e 8 anos que ao final deste ano, daqui a menos de um mês serão reprovadas na escola, porque não aprenderam letramento. Essa criança que chegou com tanta dificuldade na escola com um corpo já tão precarizado, com vidas tão precarizadas, identidades como negras, como pobres, como favelado, tão quebradas. E a escola as tritura ainda mais! Mais do que dizer que essa criança é somente pobre, reforça que ela é burra, que não é capaz de aprender a ler, que não tem cabeça para as letras... Enfim, é isso que se fala para essas crianças e essas são coisas que têm que ser mais trabalhadas nas escolas.

Zeroaseis: E de certo modo, parece que fechamos os olhos para isso, não é professor?

Professor Arroyo: Claro. Isso parece que não faz parte da discussão da Pedagogia, muitas vezes. Parece que a Pedagogia cria um juízo e na medida que essas crianças vão chegando nas escolas com essas vidas tão quebrados, tem-se a impressão que a escola as tritura ainda mais. Ou seja, parece que a escola termina de quebrar os cacos quebrados de gente que já chega com essas infâncias vividas de modo tão difíceis, com corpos e com vidas tão precarizadas. Isso tem que ser trabalhado! A escola não é neutra em relação à infância. Eu vou dizer uma coisa que chamou muito a minha atenção. Trata-se de uma senhora, lavadeira, negra que deixava todo dia a filha em casa e falava para a vizinha olhar para ela de vez em quando, principalmente quando esta criança acordava, porque não tinha escola para levar a sua filha. Então, me disse esta mulher: *“me falaram que eu podia levar a menina com 6 anos pra escola. Como ela tava completando 6 anos, agora já podia ir com 6 anos. Saí correndo, eu matriculei minha filha com 6 anos, cheguei contente, eu poderia ir segura para o trabalho agora. Minha filha está bem protegida, está na escola, com professoras boas, que bom.. que bom!”* Perguntei, então, como está essa criança na escola agora, e ela me disse que a filha *“foi reprovada no primeiro ano e que não queria mais voltar pra escola”*. Isso é um crime! Isso está acontecendo em nossas escolas. A menina que foi à escola com tanta emoção e a própria mãe que a colocou neste espaço para ter proteção, recebem essa humilhação. Isso é uma humilhação!

Zeroaseis: E o senhor vê como possível uma reação vinda das próprias crianças diante de toda essa opressão?

Professor Arroyo: Eu acho que as crianças reagem com as armas que elas têm. Mas, quais são as armas possíveis dentro de uma estrutura tão rígida como é a escola com a ameaça constante da reprovação, de ficar quieta, de calar a boca? Quais são essas armas? As armas delas são a indisciplina. Temos que ter uma visão mais positiva sobre a indisciplina. O engraçado é que até entendemos a indisciplina dos sem-terras, a indisciplina das mulheres contra os machos. Enfim, isso significa um movimento de libertação. Mas, quando temos a indisciplina nas escolas, as vimos como violências, não é mesmo? Temos que repensar isso: sobre a indisciplina na escola. Sobre o menino que não fica quieto, o menino que se levanta. É a indisciplina de um corpo que não aceita ser controlado dessa maneira. De uma criança que não aceita essa tentativa de silenciamento do seu corpo. Então, essas crianças estão pensando em sair de lá e ir correndo para limpar carros, para pedir esmola. Esse corpo vivo precisa estar em movimento, porém ao chegar na escola ele tem que ser parafusado na carteira. Os corpos infantis reagem e reagem como podem. As crianças reagem com seus corpos. Eu acho muito interessante estudar os mecanismos de reação que as crianças têm, porque nós temos que insistir que a escola é disciplinadora, controladora, adestradora. Porém, acho que nos faltam pesquisas mostrando que as crianças não têm ficado passivas diante disso, que há reações. Caso contrário, caímos numa visão um tanto foucaultiana de que é tudo controle. Não, espere aí! Se a história fosse só controle - controle de capital, controle das instituições - estaríamos parado ainda nas cavernas. Há ainda outras histórias de movimento: seja dos adolescentes que reagem à estrutura da escola, seja das mães que brigam pelo direito de seus filhos à escola, à creche.

Zeroaseis: Mas, o senhor concorda que há uma tendência em insistir na função disciplinadora da escola e, conseqüentemente, na incapacidade de a criança alterar esse cenário?

Professor Arroyo: Insistimos demais na função disciplinadora da escola e condeno isso. Porém, vamos ter que repensar e ver o que há de indicador de uma infância que resiste. Na apresentação que eu faço desse livro que será publicado em breve, eu insisto muito nesse protagonismo negativo da infância popular, dos corpos precarizados, segregados, oprimidos, mas ao mesmo tempo eu acho

que temos que insistir que esses corpos que não coincidem com a visão que se tem dessa infância épica, é autônoma, está construindo outra forma de autonomia. Não podemos dizer que há uma infância autônoma e há uma infância que ainda não tem autonomia. Não! Há formas diferentes de autonomia. Há formas diferentes de afirmação, de protagonismo positivo. Tanto é protagonismo positivo que uma criança reage com indisciplina, dizendo: “basta professor”. Basta de reprovação, basta de fome. Protagonismo que leva uma criança a brigar na rua e até enfrentar a polícia e roubar a madame. Há tanta autonomia nessas ações - as quais precisam de muito mais coragem - do que simplesmente nas ações da criança que diz: “*Eu quero esse tênis, eu quero esse joguinho*”. Não podemos negar que é bem mais complicado ser uma criança autônoma que luta nos limites mais estreitos do sobreviver, do que uma criança que tem tudo e apenas sua liberdade é dizer: “*Mãe, eu não quero esse brinquedo eu quero aquele outro*”. Temos que entender de onde vem esse movimento que está construindo outras infâncias, com outras histórias e muito mais radicais, autônomas muito mais radicais, de exercício de liberdade muito mais radical. É essa infância que está em limites de liberdade muito mais estreito. Então, temos que mostrar esses estudos em que essa outra infância não está ainda na pré-infância liberdade, ela está mostrando outra forma de libertação muito mais radical.